

Alimentação e devoção: as Geografias dos alimentos na Festa de Iemanjá da Praia do Cassino/RS

Alimentación y devoción: las Geografías de los alimentos en la Fiesta de Iemanjá de la Praia do Cassino/RS

Valdoir Guimarães Oliveira Junior – valdoirjunior115@gmail.com
Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Orcid : <https://orcid.org/0009-0005-9699-1041>

Juliana Cristina Franz - julianafranz@gmail.com
Professora dos cursos de Geografia Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal do Rio
Grande (FURG) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da FURG
Orcid : <https://orcid.org/0000-0003-3556-452X>

Resumo

A pesquisa aborda a questão entre alimentos, cultura e religiosidade no contexto da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino, no município do Rio Grande/RS, enfatizando a importância dos alimentos na cultura e nos rituais afro-brasileiros. Apesar das influências multiculturais no município do Rio Grande, é destacada a escassez de alimentos tradicionais na festividade, os quais são essenciais nas celebrações de matriz africana. Foi realizado um trabalho de campo durante o período da festividade, buscando compreender a relação dos devotos com os alimentos durante a mesma a partir do método hermenêutico-fenomenológico. Para os devotos que participam da festividade, a alimentação vai além do ato de comer, visto que os alimentos também servem como oferendas que são uma parte essencial do culto afro-brasileiro, representando diversas formas de homenagear e fortalecer seus vínculos com os orixás.

Palavras-chave: Alimentação Tradicional; Fenomenologia; Festividade; Religiosidade.

Resumen

La investigación aborda la cuestión de los alimentos, la cultura y la religiosidad en el contexto de la Fiesta de Iemanjá de la Praia do Cassino, en el municipio de Rio Grande/RS, enfatizando la importancia de los alimentos en la cultura y los rituales afrobrasileños. A pesar de las influencias multiculturales en el municipio de Río Grande, se destaca la escasez de alimentos tradicionales en la festividad, los cuales son esenciales en las celebraciones de matriz africana. Se realizó un trabajo de campo durante el período de la festividad, buscando comprender la relación de los devotos con los alimentos en ese contexto a partir del método hermenéutico-fenomenológico. Para los devotos que participan en la festividad, la alimentación va más allá del acto de comer, ya que los alimentos también sirven como ofrendas que son una parte esencial del culto afrobrasileño, representando diversas formas de homenagear y fortalecer sus vínculos con los orixás.

Palabras clave: Alimentación Tradicional; Festividad; Fenomenología; Religiosidad.

Recebido em: 09/12/2024
Aceito: 14/10/2024
Publicado: 16/10/2024

Introdução

Os alimentos podem expressar as múltiplas características de um lugar, indicando aspectos físicos e humanos de uma determinada região, além de destacar outras características como tipo de solo, grupos étnicos, influências exteriores e características culturais. Nas terras africanas, os povos iorubás costumam associar os orixás aos elementos da natureza como os rios, florestas, o ar, a chuva, os raios e os trovões. Os rios são associados a divindades femininas, enquanto a terra, a divindades masculinas. Porém, quando os orixás foram trazidos ao Brasil e a outros países das Américas, pelos africanos escravizados, os cultos de matriz africana passaram por uma adaptação para uma nova geografia, visto que outros rios, montanhas e toda natureza marcariam o novo lar desses homens e mulheres. Os laços que os orixás possuíam com os rios africanos específicos foram desfeitos, mas logo ganharam novos territórios e novos vínculos com a chegada ao território brasileiro (Vallado, 2020).

No caso de Iemanjá, ao atravessar o Oceano Atlântico na alma de seus devotos, perdeu o vínculo com o rio Ogum¹, mas ganhou a imensidade do mar de um novo território. Apesar disso, na África, Iemanjá segue sendo um orixá das águas doces, recebendo festivais em sua homenagem às margens do rio Ogum, onde seus devotos oferecem diversos alimentos, tecidos em suas cores favoritas e bonecas de pano ou entalhadas em madeira. Hoje, Iemanjá é lembrada na África na coleta dos peixes, pois assim surgiu seu nome *Yemojá (Yeye Omo Ejá)*, “Mãe dos filhos peixes”.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo dissertar acerca das questões alimentares afro-brasileiras que fazem parte do culto em homenagem a Iemanjá que ocorre na Praia do Cassino. Santos (2014) destaca que a cultura alimentar vem sofrendo um processo de homogeneização, alterando características locais, modificando a cultura e o modo de vida, tornando-o cada vez mais globalizado. Assim, as novas tecnologias intensificaram o consumo e a dependência por alimentos "artificiais", rompendo com diversos hábitos alimentares de diversas culturas.

No caso da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino, percebe-se que os alimentos possuem diversos significados e funções, sendo essa diversidade representada pelas infinitas possibilidades de ofertar agrados aos orixás, dada a

¹ Não se trata do orixá do ferro e sim de um rio que passa pelo estado de Ogum, na Nigéria.

vasta cultura de alimentos da cultura afro-brasileira que são utilizados para as oferendas, além dos alimentos utilizados para consumo próprio. Entretanto, durante a festividade, o comércio disponibilizado para consumo de alimentos não reflete essa realidade da alimentação tradicional afro-brasileira.

Para a realização da pesquisa, optou-se por uma pesquisa qualitativa, a partir do método hermenêutico-fenomenológico, sendo dividida em duas partes: a pesquisa bibliográfica e a prática em campo. A pesquisa bibliográfica tem a intenção de levantar fontes para a discussão dos temas propostos. Durante o trabalho de campo realizado na Festa de Iemanjá da Praia do Cassino, entre os dias 01 e 02 de fevereiro, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com a intenção de compreender as perspectivas e experiências dos entrevistados sobre a festividade. Assim, o público-alvo das entrevistas foram pessoas que praticam algum tipo de religião afro-brasileira e frequentam a Festa de Iemanjá. Isto posto, a partir do método hermenêutico-fenomenológico buscou-se interpretar e descobrir, isto é, manifestar o sentido original das narrativas dos devotos com base em suas experiências únicas na Festa de Iemanjá da Praia do Cassino. Toda narrativa contém questões históricas, elementos linguísticos e culturais, o que torna cada discurso único representando uma realidade específica.

Desenvolvimento

Atualmente, o capitalismo controla os hábitos alimentares a partir de uma estrutura que atende aos interesses hegemônicos, utilizando dos meios de comunicação para difundir novas ideias de consumo, transformando as culturas e uniformizando o consumo dos alimentos (Santos, 2014). Nos dias 01 e 02 de fevereiro, a Praia do Cassino é tomada pelos devotos que buscam homenagear a Rainha do Mar. Entre os espaços ocupados pelos devotos, o destaque vai para o entorno da estátua de Iemanjá, localizada em frente a Praia do Cassino, visto que o local é referência para entrega de oferendas e realização de cantos e rezas. Além disso, ao longo dos dias em que a festividade ocorre, o trecho da Avenida Rio Grande mais próximo a estátua é parcialmente isolado, destinado exclusivamente à celebração e trânsito de pedestres para acessar ou sair da praia. Em seus canteiros, instalam-se tendas e barracas que comercializam lanches, artefatos religiosos, bebidas, artesanatos etc (Figura 1 e 2).

Figura 1 – Comércio de artigos religiosos durante a festividade



Fonte: Os autores (2024).

Figura 2 – Comércio de alimento e artesanato durante a festividade



Fonte: Os autores (2024).

Apesar do comércio de alimentos disponibilizado, foi destacado pelo entrevistado Chendler Siqueira, a questão da escassez do que se entende por "*comer compartilhado*", e da falta da alimentação tradicional presente na festividade, enfatizando que todas celebrações de matriz africana envolvem comida, desde festas celebrando nascimentos até rituais relacionados a morte, o entrevistado afirmou que sente falta dessa característica na celebração local, em suas palavras,

Todas nossas festas tem comida. A festa de Iemanjá é a única festa de caráter nacional feita pelos povos de matriz africana que não tem comida, que não tem distribuição de alimento, que não tem o comer compartilhado. Então, isso já é um problema, as festas maiores ou menores têm esse compartilhamento de alimento. Faz parte da celebração. Se entende que é uma festa turística, um "evento". Tem cidades que fazem a festa a menos tempo e disponibilizam fatias de melancia, cocada, enfim, inúmeras coisas, somos a cidade da pesca, estamos reverenciando Iemanjá, a senhora das águas, responsável pelos peixes, poderíamos ter ali anchova assada, tainha, nem que fosse por um preço simbólico, nós vivemos da economia do mar. Vender canjica, comidas típicas do próprio culto, pensar em alimentos do culto afro-brasileiro, temos muitas barracas e food trucks ali e nenhuma de comidas tradicionais de povos africanos.

Nesse sentido, o entrevistado deu ênfase à falta de disponibilidade de alimentos tradicionais da cultura afro-brasileira, fato que foi constatado a partir do trabalho de campo realizado no período da festividade. Os alimentos caracterizam uma forte conexão com os Orixás, além de representar uma parte importante do culto afro-brasileiro, em que dividir e oferecer alimentos aos Orixás fortalece os vínculos espirituais dos devotos com as divindades. Apesar disso, entre os alimentos e bebidas disponíveis para comercialização durante a festividade encontrou-se *food trucks* com pastéis, espetinhos de churrasco, bebidas alcoólicas, cachorro-quente e batatas fritas.

Assim, a falta de alimentos presentes na cultura afro-brasileira não interfere apenas no ato de consumir o alimento referente à cultura na festividade, mas também na possibilidade de utilizar o alimento como oferenda. Muitos devotos percorrem um trajeto longo para chegar na festividade e não conseguem trazer nenhum tipo de alimento pronto de casa, ficando totalmente dependente de comprar os alimentos que busca utilizar como oferenda.

Neste âmbito, os objetos e alimentos utilizados como oferenda (Figura 3) não adquirem significados por si mesmos, eles devem ser explicados a partir do significado que o sujeito atribui ao objeto, configurando um espaço de representações simbólicas, em que o espaço sagrado é forjado nas representações de

um espaço das religiões, uma vez que durante o ato de realizar entregas/ofereidas, cada sujeito tem sua forma de ofertar agradados, como visto em Dillman e Schiavon (2017, p. 288),

Os modos de ofertar dos religiosos são concebidos a partir de linguagem própria como as ideias de saudação, cruzamento e abertura e a partir de significados carregados de simbolismos de contato com o transcendental, como os ritmos sonoros produzidos por sinetas para estabelecer a ligação com o espiritual. Nas palavras de Pai Jorge: “A gente vai ali [na escultura]. E ali, agora mesmo, já está com muita coisa no chão. Então a gente vai ali, pega o badalo, o sino, faz os pedidos. Passa pela Iemanjá, saúda ela com um champanhe, abre um champanhe e cruza; aí depois a gente faz uma abertura de flores e entra pelo meio das ofereidas”.

Figura 3 – Diversidade de alimentos utilizados como ofereida



Fonte: Os autores (2024).

Nesse sentido, o entrevistado Chendler enfatizou que as ofereidas possuem uma grande variedade de possibilidades e significados: agradecimentos, pedidos, promessas, trazer algo, afastar algo e etc. Chendler Siqueira destacou a importância de agradar e demonstrar carinho para os Orixás, sendo esse um modo de vida dos povos de matriz africana. Para esses povos, tudo que possui vida é sagrado, e tudo que é sagrado deve ser cultuado, cuidado e reverenciado como citado pelo entrevistado,

As oferendas tem um leque de possibilidades, algumas exclusivas para pedir alguma coisa em si, outras para agradecer, umas para trazer algo, outras para levar algo, é uma complexidade, são muitas possibilidades, por exemplo, imagina que moramos em uma aldeia, eu e meus familiares, e eu preciso atrair determinada coisa ou animal ou ser para essa aldeia, então eu venho trazendo um caminho, de comida por exemplo para trazer um animal. A oferenda faz esse papel, eu vou lá para atrair a energia que estou cultuando, o que estou precisando, aí eu junto os elementos que vão manifestar aquela energia e alimento a natureza com aquilo (despacho né), ou então eu preciso afastar alguma coisa, eu preciso afastar um leão, aí eu vou lá pra fora e coloco coisas para tirar o caminho dele da aldeia, a oferenda tem esse papel, a gente direciona para outro caminho.

Além disso, é comum ver diversas reverências enquanto os devotos cultuam tanto à escultura quanto ao próprio mar, o "bater cabeça" na frente da estátua é um ato comum, após ofertar suas entregas, representando respeito e disposição em receber axé². A oferenda materializa a relação de troca entre o Orixá e o humano a partir do significado do objeto que é oferecido para o Orixá. A Beira do mar é essencial para os rituais afro-brasileiros (Figura 3) dedicados a Rainha do Mar, durante a noite de 1º de fevereiro, são realizados rituais cultuando o Orixá, sendo também o principal local de destino da maioria das oferendas realizadas pelos devotos, sejam vinculados a terreiros ou não. É comum ver velas e barcos azuis, além de outros acessórios relacionados à feminilidade do Orixá, como brincos, colares e pulseiras (Dillman; Schiavon, 2017).

² Força vital (asé).

Figura 4 – Entregas realizadas no mar



Fonte: Os autores (2024)

Hatzfeld (1993) afirma que nos rituais, as emoções são fundantes, incontornáveis e alteram a qualidade do mundo. O autor compreende que nos rituais, utiliza-se de forças emotivas e simbolismos gestuais que expressam a partir dos gestos a tradição ritualística do grupo que exterioriza sua prática a partir dos rituais, para Hatzfeld (1993, p. 128),

[...] o ritual pode ser simultaneamente a consequência de uma certa instância afetiva, a resposta dada e por conseguinte o fim da tensão [...]. O ritual tem em conta a emoção primitiva e acalma-a num sistema de signos que codifica o que se deve sentir. O ritual agarra a emoção primitiva, exprime-a e extenua-a [...].

Esses rituais compreendem uma forma de significar e representar uma prática religiosa através dos sentidos atribuídos ao ritual. Dessa maneira, cada alimento oferecido como oferenda possui um significado ou um pedido diferente a divindade, caracterizando uma experiência única entre o devoto e o Orixá. Os povos de matriz africana tem a oralidade como principal forma de organização da sociedade e de sua prática religiosa, visto que eles entendem que a força está naquilo que é dito. Assim, Gil Filho (2012) entende que as representações são percebidas

pelo esquema da linguagem, tornando-as inteligíveis em termos espaciais. Esse processo que se torna possível a partir da linguagem configura um espaço de representações simbólicas em que as representações religiosas são objetivadas e assim, espacializadas.

Considerações Finais

Portanto, entende-se que a tentativa de uniformizar e transformar os hábitos alimentares, o capitalismo acaba por invisibilizar uma cultura rica em diversos alimentos e ritos que envolvem eles e que possuem devida importância para as religiões afro-brasileiras. Os alimentos e oferendas possuem um vínculo direto com a experiência religiosa e os laços dos devotos com os orixás, caracterizando uma parte essencial dos rituais afro-brasileiros. O discurso do entrevistado revela uma lacuna na festividade que destaca a necessidade de uma maior valorização dos alimentos tradicionais que fazem parte da comunidade afro-religiosa.

Nesse sentido, é essencial levantar o debate sobre como resgatar uma cultura que fortalece a identidade e a espiritualidade dos devotos em um espaço festivo de múltiplas tradições, em que o principal ritual de oferenda envolve uma variedade grande de alimento conforme os significados atribuídos pelos devotos, enfatizando as diversas formas de homenagear Iemanjá e outros orixás.

Referências

DILLMAN, M. SCHIAVON, C. "É só um agradecimento pelo o que os Orixás e os espíritos fazem por nós": patrimônio e religiosidade afro-brasileira na festa de Iemanjá no Sul do Brasil - Rio Grande/RS. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais** V.6, Dossiê: Religiões e Religiosidades na Modernidade Tardia, p. 269-298, Dez, 2017.

GIL FILHO, S.F. **Espaço Sagrado**: estudos em Geografia da religião. Curitiba: InterSaberes, 2012.

HATZFELD, H. **As raízes da religião**: tradição-ritual-valores. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SANTOS, T. Os alimentos e suas geografias: uma análise sociocultural do global ao local. *In*: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos **Anais...** Vitória/ES, 2014.

VALLADO, A. **Iemanjá**: a grande mãe africana do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas,

2008.

VALLADO, A. **Iemanjá**: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos. Pallas Editora, 2019.